

Era uma noite de Verão e eles estavam, na grande sala com as janelas abertas para o jardim, a falar da fossa. O conselho do condado prometera fazer chegar a água à aldeia, mas não o fizera.

Mrs. Haines, casada com o senhor da quinta, uma mulher com cara de gansa e olhos protuberantes como se vissem na valeta alguma coisa que engolir, disse num tom afectado: — Mas que assunto de conversa para uma noite como esta!

Depois, fez-se silêncio; uma vaca mugiu, e isso levou-a a dizer como era estranho que, em pequena, nunca tivesse tido medo das vacas, mas só dos cavalos. Com efeito, uma vez, em criança, quando estava no seu carrinho, um grande cavalo de tiro rasara-a, passando, a menos de uma polegada do seu rosto. A sua família, dizia ela ao velho sentado na poltrona, vivera, durante séculos, nas proximidades de Liskeard. As sepulturas no cemitério podiam prová-lo.

Ouviu-se um pássaro chilrear lá fora. — Um rouxinol? — perguntou Mrs. Haines. Não, os rouxinóis não chegavam tão a norte. Era uma ave diurna que a substância e a suculência do dia, os vermes, os caracóis e os grãos faziam chilrear até durante o sono.

O velho sentado na poltrona, Mr. Oliver, funcionário reformado da Administração Civil da Índia, disse que o lugar escolhido para a fossa fora, se ele ouvira bem, a estrada romana. De um aeroplano, dizia ele, podiam ainda ver-se, claramente traçadas, as cicatrizes deixadas pelos bretões, pelos romanos, pelos feudos isabelinos e pelas charruas quando a colina fora lavrada e semeada de trigo durante as guerras napoleónicas.

— Mas não te lembras... — começou Mrs. Haines. Não, não era isso. E todavia ele lembrava-se... e preparava-se para dizer de quê, quando se ouviu um ruído lá fora, e Isa, a mulher do seu filho, entrou com o seu cabelo entrançado; trazia vestido um roupão estampado de pavões desbotados. Entrou como um cisne que segue o seu caminho nadando; depois travou o passo e parou, surpreendida por ver que havia ali gente e luzes acesas. Estivera com o filho que não se sentia bem, e desculpou-se. De que tinham estado a falar?

— Estávamos a discutir a fossa — disse Mr. Oliver.

— Que assunto de conversa para uma noite como esta! — exclamou uma vez mais Mrs. Haines.

E que dissera *ele* sobre a fossa ou, afinal, sobre qualquer outra coisa? Isa fizera a pergunta a si mesma, indicando com a cabeça o senhor rural, Rupert Haines. Estivera com ele numa quermesse e numa partida de ténis. Ele passara-lhe para as mãos uma chávena e uma raqueta... e fora tudo. Mas sobre o seu rosto devastado ela sentia ainda o mistério, e no seu silêncio, a paixão. Tivera essa impressão na quermesse e durante a partida de ténis. E, pela terceira vez, agora, sentia-o de novo, ainda mais intensamente.

— Lembro-me — interrompeu o velho — de a minha mãe...

Lembrava da sua mãe que ela era muito forte; que guardava a lata do chá fechada à chave; e todavia, precisamente naquela mesma sala, dera-lhe um livro de Byron. Havia mais de sessenta anos, dizia ele aos outros, que a mãe lhe dera as obras de Byron, precisamente naquela mesma sala. E fez uma pausa.

— “Caminha na beleza como a noite” — citou.

E outra vez:

— “Assim não erraremos mais ao luar”.

Isa levantou a cabeça. As palavras desenhavam dois anéis perfeitos que os transportavam, a ela e a Haines, como a corrente transporta dois cisnes. Mas no peito dele, branco como a neve, enredava-se um emaranhado de ervas sujas dos pântanos; e, também ela, tinha os pés espalmados enredados no marido, corretor na bolsa. Sentada na cadeira de três pés, balouçava-se, com as suas pequenas tranças negras pendentes, e o corpo como uma almofada no seu roupão desbotado.

Mrs. Haines tinha consciência da emoção que envolvia todos os outros, excluindo-a. Esperou, como quem espera para sair da igre-

ja que a vibração do órgão desapareça. No automóvel, de regresso à casa vermelha no meio dos campos de trigo, seria capaz de a destruir como um tordo que ataca com o seu bico as asas de uma borboleta. Depois de se conceder dez segundos antes de intervir, levantou-se, parou e, a seguir, como se tivesse ouvido a última nota desaparecer, estendeu a mão a Mrs. Giles Oliver.

Mas Isa, embora devesse ter-se levantado ao mesmo tempo que Mrs. Haines, continuou sentada. Mrs. Haines olhou-a com os seus olhos de gansa, engolindo. “Por favor, Mrs. Giles Oliver, faça-me a fineza de notar a minha existência...”, o que Isa foi obrigada a fazer, acabando por levantar-se da sua cadeira, com o seu roupão desbotado, e as pequenas tranças que lhe caíam por cima dos ombros.

Pointz Hall parecia à luz da manhã de princípios do Verão uma casa de média dimensão. Não se incluía entre as outras casas mencionadas pelos guias. Era demasiado simples. Mas esta casa quase branca com o telhado cinzento e a ala traçada em ângulo recto, que por desgraça ficava na parte mais baixa do prado, dominada por um renque de árvores na encosta, o que tinha por resultado que o fumo subisse, em espirais encaracoladas, até aos ninhos das gralhas, era, apesar de tudo, uma casa maravilhosa para se viver. Ao passarem por ela de automóvel, as pessoas diziam: — Pergunto-me se esta casa será um dia posta à venda. — E interrogavam o motorista: — Quem é que lá vive?

O motorista não sabia. Os Olivers, que tinham comprado aquela quinta havia cerca de um século, não tinham relações com os Warrings, os Elveys, os Mannerings ou os Burnets, essas velhas famílias que se tinham aliado umas às outras e cujos mortos repousavam entrelaçados, como as raízes da hera, ao longo do muro do cemitério.

Os Olivers não se tinham mudado para ali havia mais de cento e vinte anos. Todavia, quem subisse os degraus da escada principal — havia uma outra, uma escada mais pequena, nas traseiras, para o pessoal — descobria um retrato na parede. Via-se uma peça de brocado amarelo a meio da escada, e, quando se chegava lá acima, surgia um pequeno rosto coberto de pó-de-arroz, com a majestosa cabeleira enfeitada de pérolas; uma espécie de figura de antepassada. Havia seis ou sete quartos dando para o corredor. O mordo-

mo fora soldado; casara com a camareira de uma senhora; e, numa vitrina, estava um relógio que detivera uma bala no campo de Waterloo.

Era de manhã cedo. A erva estava coberta de orvalho. O relógio da igreja badalou oito vezes. Mrs. Swithin abriu a cortina do seu quarto — o forro verde do *chintz* branco desbotado tingia a janela de matizes realmente deliciosos. Era a irmã casada, ou antes viúva, do velho Oliver, e lá estava ela, sacudindo, para a abrir, o fecho da janela com as mãos. Mantivera sempre o propósito de ter uma casa sua, talvez em Kensington, talvez em Kew, que lhe agradavam graças aos seus jardins. Mas passava ali o Verão inteiro, e, quando o Inverno fazia os vidros ressumarem de humidade e entupia as caleiras de folhas mortas, dizia:

— Bart, porque foi que construíram a casa nesta cova, virada a norte?

E o irmão respondia-lhe: — Para escapar à natureza, evidentemente. Não eram necessários quatro cavalos para puxar a carruagem da família através da lama?

Depois contava-lhe a famosa história desse grande Inverno do século XVIII, quando a casa ficara, durante um mês inteiro, bloqueada pela neve, e as árvores tinham caído. Por isso, todos os anos, quando o Inverno chegava, Mrs. Swithin retirava-se para Hastings.

Mas agora era Verão. Os pássaros tinham-na acordado. E como cantavam! Atacavam a madrugada como outros tantos meninos de coro um bolo *glacé*. Forçada a ouvi-los, pegara no livro de história que era a sua leitura favorita, e passara o tempo, entre as três e as cinco horas, a pensar nas florestas de rododendros que cobriam Piccadilly, quando o continente, ao contrário de agora, bem entendido, não fora ainda cortado pelo canal, mas constituía um só território, habitado por monstros de corpos elefantinos, com pescoços de foca, ofegantes, que se agitavam e moviam lentamente, e que ela imaginava soltando latidos — as iguanas, os mamutes, os mastodontes, dos quais, pensou ao sacudir o fecho da janela para a abrir, é provável que sejamos descendentes.

Precisou de cinco segundos de tempo real, e de um pouco mais de tempo mental, para distinguir Grace, com o seu tabuleiro coberto de peças de porcelana azul, do monstro de pele espessa que grunhia e que, enquanto se abria a porta, estava prestes a derrubar

uma árvore inteira por entre os matagais verdes e fumegantes da floresta primordial. Teve um sobressalto instintivo quando Grace poisou o tabuleiro, dizendo:

— Bom dia, senhora.

“Chalada”, pensou Grace, sentindo fixar-se no seu rosto o olhar dela, dividido, que a via metade como um animal do pântano, metade como uma criada de quarto com a sua farda estampada e o seu avental branco.

— O que estes pássaros cantam! — disse Mrs. Swithin ao acaso. A janela estava agora aberta; era óbvio que os pássaros cantavam. Um tordo complacente saltou na relva, com uma banda de borracha avermelhada enrolada no bico. Tentada por aquela cena a continuar a sua reconstituição imaginária do passado, Mrs. Swithin interrompeu-se; tendia a alargar os limites do presente através de voos pelo passado e pelo futuro; ou através de corredores e áleas laterais; mas estava a lembrar-se da sua mãe, da mãe que, precisamente naquele quarto, a repreendia.

— Não fiques para aí de boca aberta, Lucy, que o vento vai mudar...

Não sabia quantas vezes a mãe a repreendera assim, precisamente naquele quarto — “mas num mundo muito diferente”, como o irmão lhe lembrava. Sentou-se, portanto, a beber o chá do pequeno-almoço, como qualquer outra velha senhora, com o nariz levantado, as faces magras, um anel no dedo e os adereços costumados, envelhecidos mas ainda galantes, que incluía, no seu caso, uma refulgente cruz de ouro ao peito.

As amas, depois do pequeno-almoço, empurravam os seus carrinhos de um lado para o outro no terraço, e iam conversando enquanto os empurravam. Não falavam de pequenas novidades nem trocavam ideias, mas deixavam rolar as palavras na língua, como rebuçados, que se derretiam transparentes, desfazendo-se em verde e rosa e doçura. A doçura naquela manhã era: “Como a cozinheira o descompôs por causa dos espargos; como, quando ela tocou, eu disse: como ficava tão bem aquela blusa naquele conjunto”; e isso levava a qualquer coisa sobre certo homem, enquanto andavam de um lado para o outro no terraço, rolando os rebuçados na língua e empurrando os seus carrinhos.